

IS Working Papers

3.ª Série, N.º 81

# O Emblemático Pessoa: uma perspetiva de Norbert Elias aplicada à obra de Fernando Pessoa, com recurso à “Teoria Simbólica”

Leonardo Camargo Ferreira

Porto, setembro de 2019



# O Emblemático Pessoa: uma perspectiva de Norbert Elias aplicada à obra de Fernando Pessoa, com recurso à “Teoria Simbólica”

**Leonardo Camargo Ferreira**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal

E-mail: leonardo-camargo-ferreira@hotmail.com

Submetido para avaliação: julho 2019/Aprovado para publicação: setembro de 2019

## Resumo

A arte invoca o simbólico sempre que se considera as representações dos indivíduos aliadas às suas ações na vida quotidiana. No âmbito dos significados artísticos que circulam na elaboração e nas interpretações dos diversos tipos de obras culturais, as funções da linguagem – enquanto estrutura discursiva e escrita – configuram o formato e a força da comunicação entre os atores sociais. Neste ensaio, a importância da linguagem e dos símbolos linguísticos surge patente na obra do sociólogo Norbert Elias *Teoria Simbólica*, que se pode articular com a lírica e a poesia épica de Fernando Pessoa. A ortonímia e a heteronímia do poeta, encaradas como objeto de análise artística, são contributivas, de forma crucial, para a eliminação dos dualismos que muito têm impossibilitado uma conceção mais integrada e, portanto, mais rigorosa e abrangente das relações sociais e dos seus processos envolventes. A metodologia deste paper consiste, numa primeira fase, num estudo crítico da teoria e do livro sobredito de Elias, conjugado numa etapa posterior com a avaliação comparativa da relação entre a ciência de Elias e a literatura de Pessoa. Os resultados evidenciam que uma sociologia aberta e inclusiva pode e deve compreender, no intuito do desenvolvimento sociológico na contemporaneidade, a relevância da componente artística (em específico, da poesia e dos seus símbolos linguísticos) na progressão da ciência e na compreensão do real-social, bem como necessita de se pronunciar acerca de uma forma de suplantação dos obstáculos à ligação entre a ciência e a arte.

**Palavras-chave:** arte, símbolos, linguagem, teoria simbólica, Norbert Elias, Fernando Pessoa.

## Abstract

The art invokes the symbolic whenever one considers the individuals representations of allied to their actions in daily life. Within the scope of the artistic meanings that

circulate in the elaboration and interpretations of the different types of cultural works, the functions of the language – as a discursive and written structure – configure the format and the force of the communication between the social actors. In this essay, the importance of language and linguistic symbols is evident in the sociologist Norbert Elias's work *Symbolic Theory*, which can be articulated with the lyric and epic poetry of Fernando Pessoa. The orthonimia and the heteronymy of the poet, considered as an object of artistic analysis, are crucially contributory to the elimination of the dualisms that have very much prevented a more integrated and therefore more rigorous and comprehensive conception of social relations and their surrounding processes. The methodology of this report consists, in a first stage, in a critical study of Elias' theory and book, which is conjugated in a later stage with the comparative evaluation of the relationship between the science of Elias and the literature of Pessoa. The results show that an open and inclusive sociology can and should understand the relevance of the artistic component (specifically, poetry and its linguistic symbols) in the progression of science and in the understanding of the social-real, as well as needs to speak about a way of overcoming obstacles to the link between science and art.

**Keywords:** art, symbols, symbolic theory, Norbert Elias, Fernando Pessoa.

## 1. Introdução: o(s) autor(es) e a investigação

Norbert Elias [1897-1990], sociólogo alemão de origem judaica, apresenta-se como um dos principais representantes da sociologia contemporânea. O seu maior e mais determinante contributo para esta ciência foi a tese de que todas as grandes transformações políticas levam a profundas modificações nos comportamentos individuais e nas atitudes morais. Basta apenas esta frase para se poder verificar a intemporalidade da teoria de Elias. Assim, o presente texto tem como objetivo primordial explorar os mais importantes conceitos elisianos, recorrendo ao livro *Teoria Simbólica* e, paralelamente, realizar uma aplicação empírica de tais conceitos numa obra artística escolhida para o efeito – no caso, o conjunto de textos da *Poesia de Fernando Pessoa: Introdução e seleção de Adolfo Casais Monteiro*. Adicionalmente, um terceiro propósito do trabalho é a comparação da perspetiva sociológica de Elias com outros autores, de modo a enriquecer o debate científico contemporâneo. Em termos metodológicos e sequenciais, optou-se por dividir este ensaio em quatro etapas: apresentação das ideias fundamentais da teoria elisiana e da sua corrente sociológica; efetuação de um breve resumo crítico de alguns dos conteúdos obra de Elias incursão empírica na obra *Poesia de Fernando Pessoa: Introdução e seleção de Adolfo Casais Monteiro*; referência das principais conclusões do trabalho de pesquisa e eventuais pistas futuras para o desenvolvimento da teoria de Elias. Na segunda e na terceira etapas, sempre que possível e justificável, comparar-se-á, então, os argumentos de Elias com os de outros sociólogos.

## 2. Norbert Elias: autor de uma sociologia histórica e humanista

A vida de Elias abarcou uma produção sociológica muito vasta, mas também, ao nível biográfico, um elevado grau de instabilidade. Devido à sua origem judaica, o sociólogo teve, aquando da ascensão de Hitler ao comando da Alemanha e do início da Segunda Guerra Mundial, de fugir do seu país e de se refugiar noutros territórios, como a França, o Reino Unido ou a Holanda. Os acontecimentos daí decorrentes revelaram-se verdadeiramente importantes para a construção da sua sociologia.

Elias pode ser encarado como um autor de síntese, na medida em que tenta reunir fragmentos de vários legados sociológicos para compor a sua teoria e tentar colmatar a dicotomia estrutura-indivíduo. Isto acontece com Elias – mas também com outros sociólogos, como Bourdieu ou Giddens – porque os estudos realizados numa focagem na estrutura ou na agência já não se aplicam à complexidade do mundo atual, que encarna mudanças incessantes que afetam as grandes instituições sociais, assim como as disposições e representações individuais. É neste sentido que o trabalho científico

elisiano é fortemente indicativo, ao nível teórico e empírico, de uma (sempre relativa) superação das distâncias entre a micro e a macrosociologia. A investigação sociológica de Elias enquadra-se numa corrente da sociologia histórica, salientando-se, por isso, a necessidade de se realizar uma análise diacrónica da sociedade. Em obras como *Mozart: Sociologia de um génio*, o autor cruza as singularidades (neste caso, provindas do talento de Mozart) com as regularidades sociais da sua época e os aspetos de socialização familiar pelos quais Mozart foi deveras influenciado. Assim, a ideia de génio (como muitas outras) é construída através de fatores individuais e de elementos sociais, sendo esta uma forma de suplantação do dualismo entre a estrutura e o indivíduo.

Subjacente ao caráter socio-histórico do seu trabalho, Elias irá defender uma sociologia que, mais do que individual, se manifesta enquanto humanista. Criticando modelos como o cartesiano ou o neokantiano, por os considerar fechados na razão<sup>1</sup>, este sociólogo preconiza a existência de um modelo aberto, dinâmico, eclético e protagonizado por uma investigação multi e transdisciplinar pelo conhecimento ligado à empiria e ao humanismo, que permite chegar a um “stock” de conhecimentos humanos desenvolvido ao longo do tempo<sup>2</sup>. O conhecimento é, por isso, indissociável da sociedade, já que ambos variam de forma correlacionada, e será um elemento bastante explorado por Elias nas suas várias obras.

A pesquisa de Elias resgata naturalmente alguns contributos de outros cientistas, tais como Max Weber [1864-1920] e Sigmund Freud [1856-1939]. A partir de Weber, Elias realça a compreensão da ação humana, preocupando-se com os processos ligados às relações entre pessoas e afirmando com veemência que a sociologia deve ter em conta esses processos, e não apenas as sociedades num nível mais lato, com o intuito de orientar os seres humanos no controlo e confronto de catástrofes, como, por exemplo, as guerras. Assim, a sociologia tem um potencial próprio para auxiliar e conduzir as figurações<sup>3</sup> construídas pelos seres humanos, nas quais se torna verídica uma unidade social acima da vida individual. Não obstante, e recorrendo agora à teoria freudiana, Elias refere que o quotidiano se assume como o palco por excelência da visibilidade dos indivíduos, muitas vezes banalizado, embora constituindo uma verdadeira forma de expressão dos vários tipos de poder presentes nas (inter)ações sociais (Elias, 1994). O poder é, portanto, entendido como uma propriedade fundamental de qualquer (con)figuração, o que torna necessário o estudo das relações de grupo e das relações

---

<sup>1</sup> Modelos assentes na noção de *homo clausus*.

<sup>2</sup> Modelo que se denomina *homo aperti*.

<sup>3</sup> “Redes formadas por seres humanos interdependentes, com mudanças assimétricas na balança do poder” (Bergh, 1971; Mennell In Landini, 1998: 252).

de poder, articulado com aspetos da análise de Freud, como o subconsciente e os impulsos.

É importante ainda referir que a sociologia de Elias consolida o papel processual da aprendizagem (inter e intrageracional) para a organização e o progresso da humanidade. Tal aprendizagem é feita através da capacidade das pessoas de elaborar símbolos cujo significado se vai alterando em diferentes coordenadas espaço-temporais e, em simultâneo, cuja função é permitir a compreensão entre os seres humanos. Como refere no seu livro *Teoria Simbólica* (1994: 41-42),

*os seres humanos não poderiam comunicar entre si se não estivessem habituados a usar os mesmos padrões sonoros como símbolos dos mesmos dados (...) [embora] as sociedades humanas tal como as línguas humanas [possam] mudar muito drasticamente.*

Associadas a esses símbolos estão ideias daquilo que é ou não aceitável socialmente: serão essas ideias, como analisado posteriormente (mas referindo nesta fase como “pontapé de partida” para o resumo das obras escolhidas), que Fernando Pessoa [1888-1935], socorrendo-se do seu heterónimo Álvaro de Campos, criticará através de versos como “Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?” (Pessoa, 2006: 164), já que, se “as questões indicam os limites de fundo de conhecimento de uma pessoa ou de um grupo” (Elias, 1994: 13), estas interrogações retóricas permitem realçar a não-conformação do sujeito poético aos cânones sociais da sua época e, portanto, a confrontação com os símbolos aceites como corretos e a seguir na sua sociedade.

### **3. A “Teoria Simbólica”: uma perspetiva crítica da obra de Elias**

Elias salienta, de forma regular, a importância dos símbolos para o estudo sociológico e para a vida diária dos indivíduos humanos. Começa por afirmar (1994) que a sociologia precisa das representações dos símbolos para os seus processos, assim como as estruturas reais das sociedades requerem uma apresentação mental com o recurso a esquemas e signos. Esta ideia associa-se à corrente do Interacionismo Simbólico, na medida em que ambos – autor e corrente – concordam que os símbolos são construídos aquando das interações sociais e revelam-se “também pertinentes para o estudo de situações e contextos (...) caracterizados por relações de poder e dominação” (Ennes, 2014: 64). Por outro lado, sendo os símbolos “regularidades (...) e estrutura[s] de uma mudança sequencial incessante” (Elias, 1994: 11), é possível estabelecer uma aproximação entre a teoria elisiana e as abordagens consensualistas derivadas do pensamento durkheimiano (que privilegiam a ordem e a harmonia social, defendendo, portanto, a utilidade das regularidades) ou entre a primeira teoria e a perspetiva de

Zygmunt Bauman [1925-2017] (2004: 90), que encara “a mudança [social] (...) [como] condição de vida e (...) modo[s] de existência”, da qual fazem parte as diferentes formas simbólicas que se vão assumindo nos processos de comunicação humana. Observa-se neste ponto a ultrapassagem do dualismo estrutura-indivíduo por Elias, pois é atribuída uma igual relevância à produção e modificação social simbólica (que, numa linguagem nominalista de Weber, assoma de cada ator social) e, ao mesmo tempo, à estrutura social mais lata que os símbolos compõem no processo comunicativo.

Seguindo a sua obra, Elias encara a linguagem (e a existência de uma multiplicidade de línguas, com as respetivas letras, palavras e sons) como um equipamento simbólico que os seres humanos utilizam de modo a alcançar o entendimento mútuo, mas também para se diferenciarem.

*Actualmente, mesmo as línguas mais diferenciadas não [o] são suficientemente (...) [para impedir o seu uso] como meios de comunicação (...) linguísticos imediatos de coisas que sejam distinguíveis sem serem antagónicas (Elias, 1994: 4).*

Quer isto dizer que, embora as línguas detenham características diferentes, consonantes com as características diversas das sociedades onde estas são produzidas continuamente, a sua função principal remete para uma facilitação comunicativa e, com isso, para a edificação de conhecimento baseado em experiências comuns (Elias, 1994), o qual aumenta e se altera perenemente. É esta uma das mais consideráveis dissemelhanças entre seres humanos e restantes animais, uma vez que os segundos também comunicam, mas apenas o fazem através de padrões sonoros rígidos. Contudo, não convém esquecer a dimensão biológica dos indivíduos humanos e do seu crescimento. O filósofo Peter Singer [1946-] (2012: 145) defende que as pessoas são seres com uma “vida biográfica”, na qual se conjugam fenómenos naturais de evolução com processos sociais de desenvolvimento (Elias, 1994). Tal permite a Elias abandonar, logo à partida, a dicotomia natureza-sociedade, presente em muitas teses dos seus contemporâneos. As pessoas possuem, biologicamente, uma capacidade individual para aprenderem uma língua desde muito cedo; mas elas não estão destinadas a aprender uma determinada língua nem nascem com ela – antes têm apenas uma disposição genética para adquirirem os símbolos dessa língua, fazendo-o com o auxílio da socialização orientada pelas pessoas mais velhas que cuidam delas (Elias, 1994). Logo, não faz sentido existirem barreiras que obstruam, de alguma forma, o vínculo entre a ação e a estrutura ou a conexão entre as dimensões social e natural dos seres humanos.

As línguas em particular, e a aptidão para a aprendizagem linguística em geral, são possibilitadoras de uma construção contínua de figurações que unem os indivíduos. Elias destaca quatro tópicos principais para entender o conceito de figuração e as suas implicações: para ele, os seres humanos são interdependentes sob variadas formas e estão ligados a partir das suas figurações (as quais relacionam, inclusive, pessoas que não se conhecem fisicamente – é o caso das redes sociais no sentido tecnológico e comumente atribuído, como o *Facebook* ou o *Instagram*); em segundo lugar, as figurações geradas estão em permanente fluxo, realizando mudanças efêmeras ou duradouras [pensamento articulado com o de Bauman (2004: 96) quando este cita as “acelerada[s] mudança[s] de papéis, tramas e ambientes” que constantemente ocorrem na(s) sociedade(s)]; segue-se que o desenvolvimento a longo prazo das figurações humanas, tem sido, e continua a ser, não-planeado e não-intencional, mas mesmo assim estruturado; por fim, o incremento do conhecimento humano tem lugar dentro de figurações humanas, formando um espaço determinante na figuração global e, portanto, na construção do mundo. Estes quatro pontos são realçados, de um modo mais ou menos implícito, na *Teoria Simbólica* de Elias. Por exemplo, quando o autor (1994: 33) afirma que as “sociedades humanas com diversas estruturas (...) [são emergentes] umas a partir de outras numa ordem sequencial, sob a forma de um desenvolvimento”, pretende concretizar o segundo ponto por si introduzido, referente ao infundável fluxo que engloba as diferentes figurações e provoca alterações sociais. Correlacionada com esta encontra-se a ideia de que o aumento do conhecimento ocorre em figurações humanas que se conjugam numa figuração global. Tal acontece de variadíssimas formas, já que, utilizando os termos de Anthony Giddens [1938-] (2004: 51), fala-se de “globalização quando [se refere a todo o tipo de] processos que intensificam cada vez mais a interdependência e as relações sociais a nível mundial”. É por isso que a força das línguas se torna menor (e estas perdem, num sentido durkheimiano, a sua função) se as mesmas não forem entendidas por pessoas que pretendem comunicar, de forma escrita, oral ou gestual, informações, necessidades ou pedidos a outros seres da mesma espécie; pelo contrário, o poder de uma dada língua é substancialmente amplificado quando esta, para além de servir como base social de organização e aquisição de conhecimento “por uma pluralidade de pessoas [de um certo grupo] ao mesmo tempo” (Elias, 1994: 22), transcende as barreiras regionais e nacionais para ser empregue ao nível internacional, constituindo como que um “motor” de mudança social em relação ao formato com que o mundo se expõe e à maneira como os indivíduos humanos o observam (Giddens, 2004).

No entanto, e de modo a finalizar esta sucinta, porém concisa, análise aos capítulos da obra de Elias, é de mencionar que o processo de aprendizagem de uma língua não se destaca pela sua igualdade ou facilidade, sendo antes resultado de vincadas relações de poder (Elias, 1994). Apesar do papel relevante de algumas características



individuais humanas, como a memória, os interesses autoconscientes (Singer, 2012), ou até mesmo a sobredita disposição natural para a aquisição e aplicação de símbolos, essas características não impedem a qualificação hierárquica dos sotaques, dos termos ou das expressões frequentemente usadas em determinados territórios, gerando, nas palavras de Pierre Bourdieu [1930-2002] (2012: 20), uma espécie de “monopólio de violência simbólica” por parte de alguns grupos sociais. É assim que a *Teoria Simbólica* elisiana cria laços com a perspectiva bourdiana, nomeadamente no que diz respeito ao conceito de *capital cultural*<sup>4</sup> enquanto forma de poder estratificador e reproduzidor das desigualdades sociais – embora também mobilizador no espaço social. Não é, portanto, pela inexistência de razões deste cariz que, tal como Elias procede quando analisa o *génio* de Mozart, poetas como Fernando Pessoa (2006: 95) realcem figuras pelo seu caráter de loucura (referindo-se ao rei D. Sebastião), porque sem ela “o que é o homem / Mais que a besta sadia / Cadáver adiado que procria?” – tendo em conta que a loucura, pelo menos entendida nestes versos de Fernando Pessoa, é uma construção social contrária aos cânones simbólicos e à necessidade de uma suposta estabilidade psicossocial por eles defendida.

#### 4. A poesia de Fernando Pessoa e os símbolos por detrás da arte poética

Fernando Pessoa demarca-se pela sua autenticidade relativa à *dor de pensar* e ao problema do sentido da existência. Tal como Elias refere (1991: 85), “uma pessoa não se divide em artista em um comportamento e em ser humano no outro”: é, por conseguinte, bastante provável que, apesar do fingimento poético que aplica em vários dos seus poemas, Pessoa tenha passado, ao longo da sua vida, por dilemas e questões que colocaram em causa o estado das coisas, levando a uma fragmentação identitária. Seguindo as ideias de Giddens e a linguagem de Elias, as diversas mudanças e questionamentos da identidade são um traço distintivamente simbólico da contemporaneidade, devido aos efeitos da globalização e da intensificação do sentimento nas sociedades atuais. Deste modo, a estratégia do fingimento poético que está patente em muitos dos poemas de Pessoa constitui uma oposição ao excesso de sentimentalismo e simbolismo proclamados pela atualidade. É um símbolo com uma “função antissimbólica” (e artística) tal que, em construções poéticas como a *Autopsicografia*, coloca no caráter de um dado poeta atributos considerados socialmente negativos, como a mentira e a insensibilidade, excluindo a figura romântica do sujeito poético para a substituir por um ser, antes de tudo, racional. (Pessoa, 2006). A comunicação poética e humana entre o leitor e o poeta torna-se, deste

---

<sup>4</sup>O capital cultural refere-se, de maneira geral, à posse de elementos culturais (ligados, essencialmente, à arte ou à educação) e à incorporação e institucionalização desses elementos num modo de saber.

modo, difícil e frustrante, e toda a estrutura social e simbólica é abalada, já que o monopólio social do poder – que legitima sentidos restritos a algo tão vasto como a arte – vai perdendo o controlo sobre a força e o significado das palavras.

Todavia, a heteronímia constantemente invocada na poesia pessoana demonstra que este poeta tem, de facto, sentimentos, não os escondendo (ainda que os relativizando) nos versos em que chama os seus heterónimos. Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos são, nesta perspetiva, “uma marca social [simbólica]” (Elias, 1994: 53) da complexidade identitária que as figurações em contínuo fluxo compõem com as suas mudanças (fátuas ou perduráveis), a qual criada por Fernando Pessoa para enfrentar a dor da perda trazida por essas mudanças. Por exemplo, numa das suas odes, o heterónimo Reis invoca uma personagem pela qual sente um verdadeiro amor, Lídia, mas diz-lhe, em tom sério, que “quando (...) vier o nosso Outono / Com o Inverno que há nele, reservemos / Um pensamento, não para a futura / Primavera, que é de outrem” (Pessoa, 2006: 153). Reis apresenta-se sempre como uma espécie de professor, mantendo uma poesia de função pedagógica que tem como intuito a aprendizagem por parte do leitor sobre a vivência de uma vida moderada e sem receios. Assim, o poeta atribui à aprendizagem um papel imprescindível, tal como Elias, pois é através daquela que, segundo Reis, o leitor consegue ser “grande [e] inteiro” (Pessoa, 2006: 154), colocando no tempo um destaque simbólico que substitui a efemeridade da vida, os impulsos e as tensões de poder pelo aproveitamento pacato de cada momento.

Se se pretender considerar a importância da aprendizagem, é também incontornável a figura de Alberto Caeiro enquanto mestre dos outros heterónimos e do próprio Pessoa. Caeiro apela ao afastamento de um pensamento puramente racional, de explicações e justificações filosóficas, chamando um “conhecimento humano congruente com a realidade” (Elias, 1994: 13). Na sua perspetiva panteísta, Deus pertence a todas as coisas e a melhor forma de O olhar é usufruindo Dele sem considerações metafísicas, mas apenas com o foco naquilo que se vê e ouve, naquilo que se sente. Aqui, o dualismo natureza-cultura, ou natureza-sociedade, é ultrapassado, tal como em Elias; não obstante, a sua suplantação não se opera do mesmo modo que na abordagem elisiana, na medida em que Caeiro desarticula aquela dicotomia, desagregando-a por completo. Para Caeiro, o existente não é natural nem cultural: é existente como surge ser. Ao contrário de Elias, que encara os símbolos como mutáveis ao longo do tempo, ou de Reis, que perceciona a curteza do tempo como uma ameaça à vida, Caeiro não encontra significados nem simbolismos naquilo que deve apenas ser vivido sem explicação. *O Guardador de Rebanhos* – o grande conjunto poético do autor – é, conseqüentemente, um marco para a eliminação da teorização, do transcendentalismo e do excessivo (ideias também criticadas na

conceção elisiana), elaborado através de uma técnica que o próprio Caeiro consideraria fragmentária e não-vivencial: a palavra.

É devido a esta forma de ver o mundo que o sujeito lírico, em poemas como *VII*, desacredita, e pretende fazer desacreditar, (n)as figuras de Deus, de Jesus e do Espírito-Santo enquanto símbolos da imaculidade e perfeição. Citando-o (1996: 126), “Deus (...) é um velho estúpido e doente / Sempre a escarrar no chão / E a dizer indecências (...) E o Espírito-Santo coça-se com o bico / E empoleira-se nas cadeiras e suja-as”. A construção social destes símbolos, neste caso desencadeada pela Igreja Católica, mas também veiculada pela conformidade social, pretende legitimar, socorrendo-se de uma imposição simbólica, uma suposta verdade que Caeiro não reconhece nem aceita como a verdade *neutra* do Universo (Pessoa, 2006).

A desidentificação com os símbolos sociais legitimados passa também por Álvaro de Campos enquanto cunho forte do modernismo. Este conjunto de movimentos artísticos tinha como objetivo causar o choque e abalar as estruturas morais e sociais da época, mostrando um outro lado de fazer arte e encarar a existência. Campos (2006: 196) pretende afastar os julgamentos sociais estanques e “sentir tudo de todas as maneiras / Sentir tudo excessivamente”, o que se caracteriza por uma revolta futurista e sensacionista, criticada por Pessoa. É nesta fase que, nas palavras de Elias (1994: 8), “os impulsos de integração e de desintegração deixam, usualmente, marcas no desenvolvimento (...) do conhecimento”. O impulso para a integração de Campos seria a tentativa deste de experimentar todas as coisas, enquanto a desintegração remeteria para a falha desse esforço, interligada com o afastamento dos cânones sociais do seu tempo. No momento em que conclui ser impossível passar por todas as emoções, Campos deprime e entra numa fase de revolta intimista, consigo próprio e com o mundo em geral, rejeitando qualquer mandato social.

Campos não é apenas o heterónimo da rebeldia e da discórdia, ou da inconformidade e da não-aceitação das regras: é, em ambas as fases supracitadas, uma personalidade ameaçadora para todas as formas de poder simbólico em relação às quais tanto Elias como Bourdieu alertaram. Na fase de maior energia, o sujeito poético empenha-se no afastamento de quaisquer dualismos ou hierarquias de valores, com o intuito de gozar as mudanças velozes do modernismo e o seu “formidável dinamismo” (Pessoa, 2006: 199), o que se traduz numa poesia também ela veloz, emocionante, composta por muitos versos brancos e, portanto, sem grandes critérios formais. Já num período mais pessimista [como em *Lisbon Revisited* (1923)], Campos descarta a multiplicidade de sensações pela vontade de querer estar sozinho. Os símbolos do afeto e do desejável, “imperativos característicos d[e uma] convenção dominante” (Elias, 1994: 23), são detestados pelo indivíduo lírico, que somente quer afastar-se da sociedade e das suas

exigências superficiais de sentimento (levando a uma aproximação ao ortónimo Pessoa e à sua insensibilidade poética). Assim, a tensão indivíduo-sociedade torna-se claramente óbvia neste ponto, havendo uma grande estrutura que demarca as ações do indivíduo (ainda que Campos tente reagir com mais ou menos intensidade), perspectiva que Elias afirma ser premente suplantar.

Por fim, os poemas da *Mensagem* (alguns dos quais integrantes do livro escolhido para a incursão empírica através da teoria de Elias) trazem ao de cima um Pessoa épico que aposta num novo império português, um império de liderança espiritual. Esta obra é um veículo de comunicação do poeta com todas as pessoas, tendo como propósito dizer-lhes convictamente que Portugal tornar-se-á grande de novo. Tendo em conta que os “significados são manipulados por um processo interpretativo” (Blumer In Ennes, 2014: 70), a *Mensagem* exponencia a persuasão em torno do regresso do símbolo histórico português. Se, por um lado, Elias (1994) defende o carácter diacrónico e cultural da aprendizagem de uma língua e a importância dos padrões simbólicos na comunicação humana, Pessoa, conjugando tais aspetos na sua poesia heroica, aproveitará, por outro lado, os feitos dos lusitanos ao longo da vida do seu país para construir uma biografia do seu povo e mostrar de que o modo os portugueses são os únicos capazes de construir figurações nas quais se determina uma figuração global (neste caso, a grandeza mundial que Portugal assumiu na Época dos Descobrimentos) para a elaboração do mundo (com uma espiritualidade portuguesa). É na *Mensagem*, portanto, que se concretiza a ideia de que os símbolos não são neutros, mas construídos (na presente situação, através de uma coragem cultural e de um “mito [que] é o nada que é tudo” (Pessoa, 2006: 94), próprio de uma simbologia nacional que se pretende universal).<sup>5</sup>

## 5. Elias e Pessoa: símbolos heurísticos para a pesquisa sociológica

Não obstante as obras de Elias e Pessoa serem usualmente classificadas em géneros escritos diferentes – sociológico e poético/lírico, respetivamente – estas incluem passagens textuais que podem muito bem ser comparáveis em termos literários e académicos. Ambos os livros tratam, como objeto de estudo, “formas de discurso (...) [e] símbolos de objectos, funções, acontecimentos e outros dados específicos” (Elias, 1994: 42) que se configuram como essenciais à aprendizagem e à comunicação entre pessoas. E se Elias, por uma necessidade sociológica, elabora uma abordagem mais genérica sobre as capacidades interpretativas dos símbolos por parte dos grupos

---

<sup>5</sup> Por outras palavras, Pessoa aposta na emancipação da língua portuguesa nos vários continentes, bem como na divulgação dos símbolos que marcam a história de Portugal, tais como a sua bandeira, os seus reis, o seu exército e, até mesmo, o mar pelo qual as naus lusitanas passaram na procura de outros territórios.

sociais e das suas disposições, Pessoa, no caso específico da *Mensagem*, por exemplo, transpõe tal perspectiva para a poesia, dando-lhe significado na promessa de um *Quinto Império* português, com uma “civilização espiritual própria” (Pessoa In Arquivo Pessoa, 2015: 1).

A análise crítica de cada um dos legados destes dois autores permitiu compreender que a sociologia não se encerra no pensamento intelectual *intracientífico*, podendo ser bastante profícuo o emprego dos seus conceitos nas obras artísticas, que muito estão relacionadas com uma libertação das expressões pessoais do artista, mas também adotam um alerta às situações sociais e políticas que estão a acontecer no momento. Nesta pesquisa, citou-se a pertinência do conceito de figurações em Elias e de que modo a sua produção contribui para a estruturação da sociedade; porém, as ideias principais da conceção elisiana salientaram a proposta, aplicada à poesia pessoana, de abandono dos dualismos pela aprovação das dualidades e o papel cognoscitivo do ser humano, implicado nas relações de poder que se encontram na linguagem. Possivelmente, de maneira a relevar ainda mais o processo figuracional pensado em casos como a heteronímia de Pessoa, seria interessante desenvolver um ponto de vista sobre a forma como os indivíduos se destacam nessas figurações e encaram as suas consequências não-intencionais no longo prazo. Não é, de todo, improvável que Elias já o tenha feito durante a sua vida de sociólogo, se bem que tal interpretação não tenha sido realizada nos capítulos selecionados para a execução deste trabalho. Apesar disso, a *Teoria Simbólica* daquele autor é verdadeiramente heurística no que concerne à visão da aprendizagem simbólica enquanto processo contínuo e diário das vidas humanas e eliminador dos entraves dicotómicos no sentido de uma interpretação do real-social mais abrangente e inclusiva, apresentando-se, assim, como um contributo fundamental para a expansão do conhecimento sociológico, porque possibilita “*conhecer* [melhor] a realidade social (...), e mediante quadros categoriais, [construir] operadores lógicos de classificação, ordenação” (Pinto & Silva, 1990: 11), entre outros, tão importantes no debate contemporâneo sobre os modos de agir e de ser das ciências e das artes.

## Referências bibliográficas

- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bourdieu, P. (2012). *Sobre o Estado*. S/ed. São Paulo: Editora Schwarcz.
- Elias, N. (1991). *Mozart: Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Elias, N. (1994). Introdução, I, II e II in *Teoria Simbólica*. S/ed. Oeiras: Celta Editora, p. 3-56.
- Ennes, M. A. (2013). Interacionismo simbólico: contribuições para se pensar os processos identitários. *Perspectivas*. Vol. XLIII, n.º 3 (2013), p. 63-81.
- Giddens, A. (2004). *Sociologia*. 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Landini, T. S. (2001). A sociologia processual de Norbert Elias. *Revista Benfazeja*. Vol. IV, n.º 8 (2001), p. 1-9.
- Pessoa, F. (2006). *Poesia de Fernando Pessoa: Introdução e seleção de Adolfo Casais Monteiro*. 3.<sup>a</sup> ed. Barcarena: Editorial Presença.
- Pessoa, F. (2015). Todo o Império que não é baseado no Império Espiritual é uma Morte de pé. *Arquivo Pessoa*, p. 1-2.
- Pinto, J. M.; Silva, A. S. (1990). *Metodologia das Ciências Sociais*. 4.<sup>a</sup> ed. Porto: Edições Afrontamento.
- Singer, P. (2012). *Ética Prática*. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Gradiva.

## IS Working Papers

### 3.<sup>a</sup> Série/3<sup>rd</sup> Series

**Editora/Editor:** Paula Guerra

**Comissão Científica/ Scientific Committee:** João Queirós, Maria Manuela Mendes, Sofia Cruz

Uma publicação seriada *online* do

**Instituto de Sociologia da Universidade do Porto**

Unidade de I&D 727 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

IS Working Papers are an online sequential publication of the

**Institute of Sociology of the University of Porto**

R&D Unit 727 of the Foundation for Science and Technology

Disponível em/Available on: <http://isociologia.up.pt/pt-pt/pagina/working-papers>

ISSN: 1647-9424

## IS Working Paper N.º 81

### **Título/Title**

O Emblemático Pessoa: uma perspetiva de Norbert Elias aplicada à obra de Fernando Pessoa, com recurso à “Teoria Simbólica”

### **Autor/Author**

Leonardo Camargo Ferreira

O autor, titular dos direitos desta obra, publica-a nos termos da licença Creative Commons

“Atribuição – Uso Não Comercial – Partilha” nos Mesmos Termos 2.5 Portugal

(cf. <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/pt/>)